

RESGATE DA POESIA DE MARIA BROWNE: UMA DISCUSSÃO SOBRE AUTORIA FEMININA NO ENSINO DE LITERATURA

Clara Gomes Bezerra¹

Profº. Drº. Jonas Jefferson de Souza Leite²

Resumo: Este trabalho pretende dar luz à obra de Maria da Felicidade do Couto Browne, poetisa do século XIX, ao analisar pela ótica da teoria literária e feminista, dois de seus poemas da obra *Virações da Madrugada* (1854) intitulados: “O meu último canto” e “Adeus a mocidade”, e propor uma abordagem desses poemas em sala de aula. A pesquisa irá apresentar a vida e obra da escritora, através dos autores Saraiva e Lopes (1996), Coelho (1965) e Martins (2008). Traçar um panorama da historiografia da escrita e autoria feminina no século XIX em Portugal, com o uso de artigos das autoras Biguelini (2019), Alves (1999) e Anastácio (2005) e (2022). Ao discorrer sobre o ensino de literatura no Brasil e o apagamento de Browne nos materiais didáticos, serão consultadas a BNCC (2018) e o PNLD do ano de 2021. O foco no ensino apresentará autores como David (1996), Cosson (2006), Rouxel (2013) e Pinheiro (2018), pois é com o uso desses poemas durante as aulas de literatura portuguesa que a poetisa pode deixar o esquecimento acadêmico e literário, e passar a ser efetivamente conhecida e estudada.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Poesia. Autoria Feminina. Protofeminismo. Ensino de Literatura.

Abstract: This work intends to shed light on the work of Maria da Felicidade do Couto Browne, a 19th century poet, by analyzing from the perspective of literary and feminist theory, two of her poems from the work *Virações da Madrugada* (1854) entitled: “O meu último canto” and “Adeus a mocidade” and propose approaches to these poems in the classroom. The research will present the life and work of the writer, through the authors Saraiva and Lopes (1996), Coelho (1965) and Martins (2008). To provide an overview of the historiography of female writing and authorship in the 19th century in Portugal, using articles by the authors Biguelini (2019), Alves (1999) and Anastácio (2005) and (2022). When discussing the teaching of literature in Brazil and the erasure of Browne in teaching materials, the BNCC (2018) and the PNLD of the year 2021 will be consulted. The focus on teaching will present authors such as David (1996), Cosson (2006), Rouxel (2013) and Pinheiro (2018), as it is with the use of these poems during Portuguese literature classes that the poet can leave academic and literary oblivion, and become effectively known and studied.

Keywords: Portuguese Literature. Poetry. Female Authorship. Protofeminism. Teaching Literature.

¹ Graduanda do curso de Letras- Licenciatura em Língua Portuguesa, membro do Grupo de Pesquisa Deriva, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Professor adjunto do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

INTRODUÇÃO

A luta pela liberdade de expressão feminina foi marcada por extensos silenciamentos. Ao longo da história, mulheres em todas as esferas sociais tiveram que florear suas palavras para expressarem-se e esconder suas verdadeiras identidades a fim de serem aceitas. No universo literário não foi diferente, mulheres tiveram que utilizar de metáforas para expressarem seus mais genuínos desejos. Só conseguindo publicar suas obras pelo uso de pseudônimos, com ajuda de figuras masculinas ou sob a aprovação da Igreja Católica (Alves, 1999).

As primeiras escritoras que se evidenciaram no período do Romantismo, encontraram no tema do amor e sentimentalismo romântico a oportunidade para desenvolverem suas escritas. Porém, os temas de seus escritos eram limitados ao espaço doméstico, sentimento de amizade, maternidade e natureza domesticada dos jardins. Justamente pela própria representação da figura feminina na sociedade burguesa, que impedia demonstrações claras de amor/desejo por parte da mulher. Assim, é muito forte a menção a flores, borboletas, pássaros e demais elementos da natureza para simbolizar o interno na escrita produzida por mulheres no século XIX.

Com o passar do tempo, a liberdade de expressão feminina foi sendo arduamente galgada pelas mulheres. Os mesmos elementos da natureza antes tão redutores da verdadeira expressão poética feminina foram utilizados de maneira simbólica, compondo metáforas para expressar suas angústias existenciais tão reprimidas e revelar seus desejos mais secretos, inclusive na esfera sexual.

O exercício de escrita feito por mulheres no fim do século XIX acontecia na maioria das vezes dentro do meio doméstico, e a divulgação desses escritos ocorria a princípio apenas por meio não impresso, através da recitação, com leituras em voz alta durante reuniões sociais privadas na casa dessas mulheres-esritoras. Essas reuniões eram destinadas a um público selecionado e aconteciam num clima intimista. Para além da divulgação oral de obras dos participantes, ocorria uma rápida refeição, música, canto e dança (Anastácio, 2005).

Como dito no artigo “Mulheres Varonis e interesses domésticos (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)”, de Vanda Anastácio, as mulheres que escreviam nesse tempo e tinham suas obras divulgadas nessas reuniões eram:

Oriundas, regra geral, da aristocracia ou da alta burguesia mercantil, sabemos seus nomes, mas conhecemos muito pouco sobre as suas vidas e ainda menos sobre suas obras, que ficaram quase totalmente por imprimir. Este facto não obstou a que os seus textos fossem conhecidos por aqueles que se interessavam pelas letras uma vez que, de facto, as reuniões que aqui nos ocupam constituíram um dos canais de difusão da poesia mais eficazes do tempo. (Anastácio, 2005, p.6)

Foi nesse contexto que a escritora portuguesa Maria da Felicidade de Couto Browne (1797-1861) teve seus poemas conhecidos e alguns deles publicados em Portugal. Depois que casou com o comerciante de vinhos, Manuel de Clamouse Browne, a poetisa tornou-se senhora de grande fortuna: “[...] abria os salões de sua casa, que se transformara num verdadeiro cenáculo literário” (Coelho, 1965).

Maria Browne foi a poetisa por trás dos emblemáticos poemas que marcaram o Ultrarromantismo português, utilizando-se dos pseudônimos: “Sóror Dolores” e “A Coruja Trovadora”. A escritora representou, no século XIX, o sentimento feminino através de uma poesia sensível, inovadora e impactante. Entretanto, infelizmente, ficou mais conhecida não por conta de suas obras, mas pelo seu suposto envolvimento romântico com o também poeta português Camilo Castelo Branco (Abdala, 1982).

Dotada de uma primorosa formação literária, recebeu da mãe uma educação francesa, conhecia as obras shakespearianas e tinha em sua residência uma das melhores bibliotecas da época. Apesar da relutância que tinha em divulgar amplamente o drama íntimo de sua poesia, sua composição poética estruturalmente romântica, com um clima próprio misterioso e nocturno recebeu muitos elogios em seu tempo.

A partir do breve panorama sobre a vida da escritora, é possível reconhecer a privilegiada posição econômica em que a poetisa se encontrava. Obteve uma rica formação educacional, que possibilitou o desenvolvimento de sua produção poética. Apesar disso, toda a circulação de sua poesia e seu espaço de socialização era restrito ao ambiente doméstico, como acontecia com a maior parte das mulheres em sua época. O caso de Browne se adequa perfeitamente à descrição feita por Vanda Anastácio sobre a situação das mulheres-autoras em Portugal, na virada do século XVIII para o século XIX:

(...) há mulheres-autoras que adquirem grande projeção, não só pelo talento que os contemporâneos lhes reconhecem mas, também, pelo papel aglutinador que desempenham, reunindo à sua volta escritores, pensadores e personalidades ligadas ao poder. Trata-se, regra geral, de senhoras casadas, que abrem portas de suas casas ao convívio literário e presidem, acompanhadas pelo marido, às assembleias que organizam. (Anastácio, 2005, p.6)

A possibilidade de Maria Browne em escrever, declamar e publicar suas obras, superando as restrições sociais de sua época, estava pautada em sua privilegiada posição econômica adquirida após o casamento, pois: “na prática quem sabe fazer poesia, improvisar e declamar tem acesso a círculos sociais que estão vedados àqueles que não nasceram no seio da aristocracia” (Anastácio, 2005).

Ter suas poesias publicadas simbolizou não apenas uma posição de privilégio e poder econômico, mas uma consagração da voz feminina naquele período em Portugal, em que unicamente os homens eram possibilitados de terem seus escritos publicados e lidos na sociedade. Ainda mais se tratando de uma poetisa que apresenta em seus escritos certo tom de autonomia, reflexão sentimental e indignação.

Desse modo, a poetisa portuguesa em seus escritos já empregava aspectos de um protofeminismo na literatura, termo que se caracteriza como obras anteriores ao século XX, que apresentam traços da ideologia feminista em suas composições. Os escritos protofeministas se iniciam na Inglaterra do século XVIII, com os escritos de escritoras como Catharine Macaulay e Mary Wollstonecraft, que defendiam os princípios da Revolução Francesa, a moralidade através da educação e as relações sociais pela lógica protestante (Gomes, 2011).

Essas autoras tinham, principalmente, como cerne de suas pesquisas e discutir sobre novas maneiras de encarar as questões de gênero. Expressando as injustiças, a condição indigna vivida pelas mulheres no final do século XVIII e ressaltando a importância da valorização do desenvolvimento intelectual das mulheres. Entretanto, essas ideias expressas por essas escritoras inglesas só viriam a ser ampliadas e valorizadas socialmente como feminismo somente quando a teoria literária feminista ganha projeção significativa nas décadas de 1960 e 1970.

Ao pensar no ensino de Literatura portuguesa, é pertinente entender o contexto social da época para as mulheres que se aventuravam no exercício da escrita e o local privilegiado em que Browne se encontrava. Mas, além dessa reflexão crítica sobre o contexto privilegiado em que a poetisa portuguesa se encontrava, é fundamental considerar que uma mulher, em meio às tantas restrições sociais de seu tempo, ter suas poesias divulgadas publicamente já é uma conquista significativa, pois: “A forma de consagração por excelência para quem escreve é a publicação, que é vista como uma projecção da voz e da imagem do autor no espaço público”. E esse viés deve ser enfaticamente abordado quando se trata do estudo e também ensino da obra de Maria Browne (Anastácio, 2022).

Nesse sentido, continuar ignorando a existência de poetisas como ela, tanto na pesquisa quanto no ensino, seria um perpetuar da desigualdade e discriminação com base no gênero já

tão impregnado na sociedade. A ação docente em propor aos estudantes o debruçamento e análise dos escritos da poetisa portuguesa acrescentará à discussão sobre autoria feminina em sala de aula.

Romper com o apagamento histórico de Maria Browne e colocar à disposição da nova geração de alunos poesias como as dela é confirmar até mesmo com o que está prescrito na agenda 2030 das Nações Unidas, que figura em seus *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*: 4- Educação de qualidade; 5- Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres; e 10- reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países (Anastácio, 2022).

Trabalhar a obra de Browne em sala de aula também entra em acordo com o que está exposto na Habilidade (EM13LP52) do campo artístico-literário, na área de Linguagens na BNCC para o Ensino Médio, que diz:

Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente. (BNCC, 2018, p.526)

Apesar da evidente presença no maior documento oficial de ensino do país, o ensino de Literatura Portuguesa no Brasil há um longo tempo vem sofrendo ataques, tendo sua existência severamente questionada no ensino brasileiro. Um reflexo disso é o grande descaso da disciplina na grade curricular básica de ensino escolar. O professor Sérgio Nazar David vai elencar uma série de motivos pelo qual a Literatura Portuguesa se faz relevante no ensino brasileiro, o primeiro deles é que falamos a língua de Camões, e antes do romantismo brasileiro temos três séculos de literatura no Brasil escrita por portugueses.

O principal motivo que leva a Literatura Portuguesa a continuar nos currículos escolares e permanecer relevante no ensino brasileiro é o legado intelectual, artístico e literário deixado no Brasil, fincando raízes no passado que se alastram até os dias atuais. Ademais, o contato da Literatura Portuguesa com os estudantes brasileiros permite um maior entendimento histórico, artístico e social da língua que escrevem e falam. E igualmente acrescenta no repertório literário dos alunos, para um maior entendimento da literatura brasileira. Não apenas em relação à historicidade da literatura, mas visando a valorização da multiculturalidade presente na literatura do país.

O local da Literatura Portuguesa no ensino brasileiro é renegado, mas em posição ainda mais complicada está a poesia em sala de aula. Segundo Hélder Pinheiro (2018), ainda que seja evidente a importância da poesia para o aumento da sensibilidade íntima do leitor e enriquecimento do seu olhar sobre o mundo, dentre os gêneros literários, a poesia é o menos prestigiado no fazer pedagógico e o mais distante da sala de aula. Como dito por Rildo Cosson em sua obra *Letramento Literário* (2006), quando se trata do Ensino Médio:

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. (Cosson, 2006, p.21)

Partindo desse viés, considerar a poesia de Literatura Portuguesa em sala de aula torna-se demasiadamente difícil para o professor, ainda mais se tratando da presença e uso em sala de aula de poemas de autoria feminina. Portanto, é imprescindível refletir sobre o local da mulher na produção poética e em seu uso no ensino. Além de propor alternativas para contribuir com essa problemática na educação durante o Ensino Médio.

Pode-se dizer que a relevância de Maria Browne para o ensino de literatura portuguesa é inegável, assim, considerando a significância de poesias de autoria feminina em sala de aula e o apagamento dessa poetisa tanto em seu tempo quanto no decorrer da história, fica ainda mais evidente a necessidade de reivindicar seu espaço no ensino de literatura portuguesa e o maior conhecimento de sua obra como um todo.

A partir das habilidades dispostas no documento da BNCC do Ensino Médio (2018), no campo artístico-literário e da clara ausência da poetisa nos recentes PNLD's, será evidenciada a importância do trabalho em sala de aula com poesia portuguesa de autoria feminina, especialmente a poesia de Maria Browne, tão pouco conhecida e estudada.

Primeiramente, o trabalho se concentra em apresentar brevemente a vida e obra da poetisa portuguesa Maria Browne, a partir do limitado referencial teórico que se propõe a discorrer sobre a poetisa: Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (1996), Jacinto do Prado Coelho (1965) e Heitor Martins (2008). Após a introdução da vida da poetisa, o capítulo se concentrará na historiografia da escrita feminina na literatura portuguesa, será discutida e proposta uma reflexão sobre a marca da autoria feminina em língua portuguesa. Para tratar destas questões serão utilizados como base teórica os artigos das autoras: Elen Biguelini (2019), Ivya Iracema Duarte Alves (1999) e Vanda Anastácio (2005) e (2022).

Em seguida, inicia dando um panorama do apagamento da poetisa em manuais de literatura como *História da Literatura Portuguesa* (1996) de A.J. Saraiva e Oscar Lopes. Em seguida, a parte do ensino será introduzida com a finalidade de elucidar a importância do trabalho com poesia e autoras mulheres no ensino de literatura portuguesa durante o ensino médio. Em primeiro lugar, será consultada a Base Nacional Comum Curricular (2018) e para ilustrar o completo apagamento da autora Maria Browne nos materiais didáticos serão consultados o PNLD do ano de 2021 na área de “Linguagens e suas tecnologias”, e a lista de obras literárias recomendadas para o Ensino Médio disponíveis no site do PNLD.

A obra poética de Maria Browne será analisada a partir de dois poemas contidos na obra *Virações da Madrugada* (1854), sob ótica sociopolítica protofeminismo com base nos estudos de Anderson Soares Gomes (2011) e teoria feminista com o uso das autoras Gerda Lerner (2019) e Naomi Wolf (1992). A autoria feminina é também relacionada a biografia da autora com a análise dos poemas "O meu último canto" e "Adeus a mocidade".

Em meio a análise dos poemas, será realizada uma reflexão visando o uso desses poemas em sala de aula, a fim de suscitar discussões relevantes sobre protofeminismo no ensino de Literatura Portuguesa e a presença de poesia de autoria feminina no Ensino Médio, relacionando o passado com o presente dos alunos, com base em autores como Sérgio Nazar David (1996), Helder Pinheiro (2018), Rildo Cosson (2006) e Annie Rouxel (2013).

Para finalizar, será desenvolvida uma breve sequência didática com base na “Sequência Básica” proposta por Rildo Cosson em *Letramento Literário* (2006), pensando na aplicação prática dos poemas de Maria Browne em sala de aula durante o Ensino Médio na rede pública de ensino. Assim, articulando os conhecimentos aprendidos em sala de aula com as vivências particulares dos estudantes, proporcionando um incentivo maior a leitura de poesia escrita por mulheres por parte dos alunos durante o Ensino Médio.

1. Vida e obra de Maria Browne

Maria da Felicidade do Couto Browne ou “A Coruja Trovadora” e “Sóror Dolores”, pseudônimos que utilizou para publicar sua obra, nasceu na cidade do Porto em 10 de janeiro de 1797 e faleceu em 8 de novembro de 1861. Foi por meio do seu casamento com Manuel de Clamouse Browne, com quem teve três filhos: Manuel, Ricardo e Júlia, que se inseriu na

burguesia portuguesa. Obteve um grande e riquíssimo acervo literário em sua biblioteca pessoal, ficando conhecida por receber nos mundanos salões de sua casa, importantes figuras do Ultrarromantismo português (Coelho, 1965).

O contato com grandes escritores e figuras influentes do meio editorial da época foi a forma como a obra de Browne veio a ser conhecida, através das leituras compartilhadas em seus salões, e publicada somente quando estava em idade mais avançada, perto dos 50 anos. Entretanto, como revela em uma de suas poesias da obra *Virações da Madrugada* (1854), desde muito nova escrevia, a partir de um imperativo íntimo que lhe acometia.

A poetisa parece se espelhar nos clássicos, por sua linguagem sublime, que adota em sua escrita poética e também se revela através da temática presente em seus inúmeros poemas sobre flores e elementos da natureza como jardins e ambientes cobertos por névoa. Entretanto, em seus poemas, a natureza se comunica com a voz poética que fala e se entrelaça com fatos biográficos da própria poetisa. Fato esse que a coloca na posição de criadora singular, e não mera reprodutora de fórmulas literárias (Martins, 2008).

A forte presença de elementos da natureza em sua obra simboliza também uma característica comum a outras escritoras de seu tempo, que recorriam a esses elementos para poderem expressar seus sentimentos mais íntimos, pois como dito por Ivia Alves em “Amor e Submissão: formas de resistência da literatura de autoria feminina?” (1999):

As rosas, os miosótis e as violetas, comparações infalíveis da representação da mulher no século XIX, definindo-a pela sua delicadeza e demais atributos, não influíram nas escritoras que, além das estratégias para penetrar no espaço público, também foram capazes de construir formas sutis, na poesia lírica amorosa, para falar do amor/desejo, sem que sofressem punições sociais (marginalização e condenação da sociedade) ou morais (estigmatizadas como mulheres permissivas ou histéricas). (Alves, 1999, p. 111)

Ao dar voz à revolta e confissão de seus desejos, a poetisa representa a trajetória das mulheres na escrita em língua portuguesa, já que antes do século XX, a noção de autor está identificada com o masculino. Em pesquisas direcionadas à investigação de escritoras em Portugal, entre 1800 e 1900, uma média de 270 escritoras mulheres foram identificadas, em contraste com os mais de 513 autores homens encontrados nos já consagrados manuais de história literária da área portuguesa (Anastácio, 2022). Dessa maneira, Maria Browne foi uma das poucas escritoras em sua época que se aventurou a escrever e publicar sua obra, escolhendo a forma poética pois era:

(...) O mais aceito meio de expressão literária feminina portuguesa, justamente porque foi o utilizado por diversas portuguesas anteriores ao século XIX, tais como Púbia Hortênsia de Castro (1548-1595) e outras damas da corte da Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577). Não é estranho, então, que tenha sido utilizado por Maria da Felicidade de Couto Browne. (Biguelini, 2019, p. 143)

A sua poética se concentra em expurgar de seu íntimo um forte sentimento de traição, desilusão e dor. Pois a figura do traidor posta na figura masculina, aparece em muitos de seus poemas como causa dos sofrimentos do eu lírico, desencadeando para além da desilusão amorosa, o sentimento e desejo da morte. Pode-se dizer que: “(...) suas experiências com uma pessoa do sexo masculino vieram a moldar sua opinião de todos os homens. Visto que, um foi ‘traidor’ todos assim o seriam. A masculinidade é, então, vista de uma forma negativa” (Biguelini, 2019, p. 161).

Além disso, poemas específicos de sua obra como “O meu último canto”, ainda que contenham a desilusão amorosa, expandem a discussão para tratar sobre o calar da voz feminina, que busca expressar seus sentimentos através da escrita, mas é limitada pela experiência social que vive:

A Coruja Trovadora ainda não pede a si direitos e novas leis, mas reclama da injustiça delas, ao tirar a liberdade dada às mulheres por Deus e adicionar a dor, que acompanha Couto Browne por toda a sua vida (ou desde o momento em que conhece ser traída). (Biguelini, 2019, p. 161)

É possível dizer que há um protofeminismo em sua obra, não pela questão da datação histórica, já que o movimento ativo do feminismo em Portugal estava longe de começar no fim do século XVIII e início do XIX, mas pelo conteúdo encontrado nas obras considerando a época em que estavam sendo escritos.

Ainda com as dificuldades de seu tempo, para a publicação de obras escritas por mulheres, Maria Browne consegue ter sua obra divulgada ainda em vida. Possui três livros até hoje conhecidos: *Coruja Trovadora*, *Sóror Dolores* e *Virações da Madrugada*, todos com o uso de pseudônimos, sendo prestigiada em sua época: “A *Revista Peninsular* apontou-a como primeira poetisa portuguesa. Faustino Xavier de Novais cantou-a com hipérboles gongóricas. Quem percorrer os jornais da época achará, aqui e ali, alusões e encômios” (Coelho, 1965, p. 41).

Sua obra interessa e cativa pela expressão humana tão sincera, direta e arrebatadora a partir de suas queixas e expressão tão crua do seu íntimo. Mas a carga e potência de sensibilidade adotada em seu lirismo não é apelativa, se dá com um ar confidencial e até mesmo

seus versos mais simples são capazes de transmitir a força do sentimento interno que sentia, por isso, como dito por Jacinto do Prado Coelho em *Poetas do Romantismo I* (1965):

(...) o valor de Maria Browne excede o valor documental, humano ou histórico-literário. Não se trata apenas da mulher que sofreu e amou. Essa mulher que escreveu com o próprio sangue encontrou os meios adequados para transmitir as subtilezas particulares da sua sensibilidade. Fez poesia porque tinha de ser. Pressentiu o mistério das coisas, a beleza impalpável de certas combinações que se traduzem por imagens ou pela música verbal. Alma romântica, retraída pelas decepções, teve a servi-la um espírito de artista, que a aproxima ora do baixo relevo dos parnasianos, ora da magia penumbrosa dos simbolistas. (Coelho, 1965, p. 46)

Apesar da alta sensibilidade e riqueza temática expressa em seus poemas, a obra de Browne encontrou grandes dificuldades de ser divulgada em seu tempo. Por conta do contexto social que restringia a escrita de mulheres ao ambiente doméstico e não permitia abertamente uma poetisa expressar em sua escrita seus sentimentos profundos e desejos ardentes. As primeiras escritoras a terem seus trabalhos publicados sentiram a exclusão no espaço público ao receberem a censura crítica literária (essencialmente exercida por homens) e o receio que as dominava fazia com que recorressem a pseudônimos, paratextos e metáforas. Essas estratégias eram utilizadas para que as obras fossem minimamente lidas em suas épocas, é o caso de Maria Browne no Ultrarromantismo em Portugal, mas também de Adélia Fonseca no Romantismo no Brasil, e mais a frente Gilka Machado, nas primeiras décadas do século XX, que ainda reproduzia as mesmas estratégias de escrita para ter sua obra conhecida (Alves, 1999).

Ao escrever sobre temas mais profundos e complexos, como a morte e a relação com o corpo feminino, como é o caso de Maria Browne, essas escritoras enfrentavam resistência por desafiar as normas sociais vigentes. Seus escritos eram considerados subversivos, a crítica tendia a uma avaliação negativa e não com a mesma seriedade que empregavam aos trabalhos de escritores masculinos. Quando suas obras eram reconhecidas, ficavam restritas a uma perspectiva de gênero, sendo interpretadas não pela profundidade de suas escritas e discussões, mas unicamente pelo viés da identidade feminina, sempre vinculada ao sentimentalismo e cosmovisão doméstica.

Tendo em vista essa história de apagamento da poetisa, é necessário pensar como a única mulher mencionada entre os principais nomes de sua geração foi posteriormente completamente esquecida. Dessa forma, refletir sobre o motivo do apagamento da obra da poetisa portuguesa e como se evidencia sua ausência nos documentos oficiais da educação em literatura no Brasil é fundamental para traçar uma nova experiência com a literatura portuguesa no ensino, ao propor a leitura e discussões com poesias de autoria feminina.

2. Uma história de apagamento

Ao analisar grandes cânones do estudo da literatura portuguesa, como *História da Literatura Portuguesa* (1996), de A.J Saraiva e Óscar Lopes, o nome de Browne só é mencionado duas únicas vezes. Entretanto, o momento reservado para discorrer sobre a poetisa não se concentra em apresentar características de sua obra ou trazer informações biográficas, como acontece com os escritores masculinos como Camilo Castelo Branco ou Ricardo Guimarães. A referência a Maria da Felicidade Brown, como é chamada na obra, é unicamente relacionada ao nome de Camilo Castelo Branco, como acontece na maior parte dos manuais e obras sobre literatura portuguesa, que ainda se propõem mencionar o nome da escritora.

O nome de Maria Browne só é citado pelo suposto romance entre os dois poetas portugueses ou pelo fato de Camilo e outros escritores famosos da época frequentarem os famosos salões em sua casa. No canônico *História da Literatura Portuguesa* (1996), a figura da poetisa é reduzida ao fato de realizar os famosos encontros literários entre escritores majoritariamente homens como Camilo, Byron, entre outros. Na sequência, seu nome só é novamente mencionado na listagem entre os principais nomes de escritores portugueses do início da década de 1850, mas sem menção às suas obras ou maiores informações sobre sua escrita, que é tão marcante e inovadora considerando os moldes do movimento Ultrarromântico.

Ao pensar na historiografia da escrita feminina durante o século XIX, como muitas escritoras de sua época, a obra poética de Browne apresentou-se singular e colocou a nota ao movimento literário do Ultrarromantismo português, entretanto, entrou em esquecimento social e histórico, pois como dito pela pesquisadora Vanda Anastácio:

Num contexto social em que o papel das mulheres se encontra associado à esfera doméstica e ao espaço privado, essa associação contribuiu para a exclusão das mulheres da publicação e da narrativa da História Literária, pensada para o ensino e para a formação de cidadãos com direitos jurídicos e políticos, ou seja, dos rapazes. Assim, os autores acolhidos no cânone literário são homens, originários dos grupos sociais mais próximos do campo do poder. (Anastácio, 2022, p. 33)

O apagamento de escritoras de séculos passados simboliza a desvalorização da contribuição feminina para o debate intelectual e acadêmico, e a perpetuação desse desconhecimento contribui para a construção de estereótipos sobre as mulheres, que seguem sendo segregadas de espaços de discussões intelectuais, conservando a manutenção da

desigualdade e discriminação com base no gênero nas sociedades do presente (Anastácio, 2022).

Se faz necessária a discussão e análise de sua obra, que conquistou leitores e a crítica em sua época, sendo descrita por Vitorino Nemésio como: “Depois de Garrett e Soares de Passos ela é o nosso melhor poeta romântico”. (Nemésio, Ondas Médias, p. 284). E anos depois segue sendo aclamada por Jacinto do Prado Coelho, que a descreveu como: “alma romântica, retraída pelas decepções, que teve a servi-la um espírito de artista, que a aproxima ora do baixo relevo dos parnasianos, ora da magia penumbrosa dos simbolistas” (Coelho, 1965, p. 49).

Ao pensar na ausência de Maria Browne dos grandes manuais de literatura portuguesa, mesmo sendo citada dentre os maiores nomes poéticos de sua época, esse apagamento se reflete no meio acadêmico e no ensino de literatura portuguesa até os dias atuais. Demonstrando que o cânone literário foi e continua sendo composto majoritariamente por autores do sexo masculino. O que antes era explicado pela falta de alfabetização das mulheres, antes do século XIX, e em seguida pela dificuldade de publicação de obras escritas por figuras femininas, hoje não se sustenta.

Há um certo avanço, que se nota pela lista do PNLD dos últimos anos para o Ensino Médio, com a maior presença de autoria feminina nas obras escolhidas. Mas, ao afunilar os tópicos para obras com autores portugueses, do gênero poesia e com autoria feminina, esses temas são praticamente inexplorados dentre as obras selecionadas. Ademais, o principal documento norteador da educação no Ensino Médio, BNCC (2018), limita ainda mais o local da literatura em sala de aula em suas habilidades. O que agrava ainda mais o cenário, é se ter pouca ênfase no trabalho com poesia em sala de aula e o não destaque a importância da autoria feminina em obras poéticas, principalmente ao se tratar de literatura portuguesa, o que confirma a máxima de Sérgio Nazar David ao responder a pergunta: “Como vai a literatura portuguesa nas escolas de ensino médio? A resposta é que em muitas delas não vai” (David, 1996, p.87).

Para verificar a perpetuação desse apagamento histórico, é necessário a consulta dos principais documentos oficiais que direcionam a presença de obras de autoria feminina durante o Ensino Médio. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixa clara a importância do trabalho em sala de aula com obras da tradição literária em língua portuguesa, os chamados textos clássicos, para propor “um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade” (BNCC, 2018, p. 532). Entretanto, não apresenta nenhuma ênfase a presença de obras de autoria feminina para o enriquecimento do ensino de literatura.

Ao consultar a presença da poetisa portuguesa nos materiais didáticos mais recentes, como a lista de 25 obras literárias PNLD literário no ano de 2021, é visível a completa ausência da poetisa, como também ausência de qualquer escritora portuguesa. Apesar de trazer a presença significativa de escritoras mulheres com a biografia *Eu sou Malala* de Malala Yousafzai, a história em quadrinhos *Miss Davis: A Vida e as Lutas de Angela Davis* da quadrinista Sybille Titeux de la Croix, o romance *Nada Digo de ti, que em ti não Veja* da escritora Eliana Alves Cruz e o livro de poemas *Reverso* da escritora brasileira Gláucia Regina Raposo de Souza. A presença de obras da literatura portuguesa de autoria feminina é completamente esquecida.

A seguinte análise se propõe a discorrer brevemente sobre os dois poemas escolhidos: “O meu último canto” e “Adeus a mocidade”, retirados da obra poética *Virações da Madrugada* (1854) escrita pela poetisa portuguesa. A proposta da análise é apresentar um panorama social da visão feminina da época, tocando na questão da autoria feminina em Portugal no século XIX, e também ressaltando aspectos do protofeminismo na poética da escritora. Por fim, será dado um enfoque na utilização dos poemas em sala de aula, visando a leitura e o conhecimento da obra de Browne durante as aulas de literatura portuguesa no Ensino Médio brasileiro.

3. A voz feminina em “O meu último canto”

O ensino de literatura, especialmente com poesia, se baseia em apresentar escritores canônicos do sexo masculino, o reflexo no dia a dia em sala de aula é que poucos estudantes leem mulheres, e menos ainda leem poesias escritas por mulheres.

Partindo dessa realidade, trazer mulheres antes esquecidas à tona é um ato de resistência, e de certa forma, revolução contra um sistema de ensino que ainda funciona em moldes de séculos passados, pois:

No momento presente, as sociedades ocidentais começam a ter consciência dos efeitos negativos que as formas de discriminação com base no gênero têm no conjunto do tecido social. Começam a dar-se conta do desperdício de talento que resulta dos obstáculos colocados ao acesso das mulheres à educação de qualidade, e da necessidade de alcançar a paridade no exercício de direitos fundamentais. (Anastácio, 2022, p. 34)

Ao analisar sua escrita é possível perceber como ela reflete a condição da escrita feminina no século XIX, ao revelar em seus versos sentimentos como revolta pelo silenciamento de sua voz, repulsa em sua relação com o envelhecimento, forte desilusão

amorosa, entre outros sentimentos que expressam como a poetisa estava se sentindo. Indo contra toda a lógica social de seu tempo, e que permanece nos dias atuais, provando forte resistência às mulheres que desejam ser livres na vida e na escrita.

Ao analisar seus poemas, também é preciso levar em consideração o contexto histórico de sua escrita, no qual mulheres que se propunham a escrever eram silenciadas pelas condições sociais, restritas ao meio doméstico, e à medida que conseguiam poucas publicações, eram presas aos moldes de figuras masculinas, que dominam o meio editorial. Nesse sentido, é compreensível que nas poucas biografias encontradas sobre Maria Browne demonstre seu sentimento de insegurança e não empoderamento de seus escritos, sentimento esse que transporece no poema a ser analisado.

O poema intitulado “O meu último canto” é que dá conclusão a obra *Virações da Madrugada* (1854), e nele é possível identificar o sentimento de “mal-estar” presente em muitas obras do Ultrarromantismo, que apresentam a temática de um esforço que fracassa. As doze estrofes do poema são construídas num mesmo tom de pesar e insuficiência perante a existência, o que caracteriza o chamado “romantismo negativo”, tônica presente na época do movimento literário em Portugal, que é expresso desde os primeiros versos e no seguimento do poema como um todo (Martins, 2008).

No caso deste poema, o eu-lírico apresenta a insuficiência de sua existência ligada a condição social de mulher, o que é explicitado desde o primeiro verso:

O meu último canto

Que mal faz a mulher, a quem a sorte
A lyra concedeu, onde a saudade
Do tempo que fugio, sem deixar mágoas
Canta na soledade ?

Sem revelar seu nome, que distinto
Genio não tem, que o prejuizo abrande
Contra o sexo infeliz, que só venceram
Pares de Staël ou Sand.

Criou Deus a mulher livre qual homem,
Deu-lhe d'igual sentir a faculdade,

Só dura lei da força a fez depois
Quasi uma nullidade.

Ah! quantas lenta morte em aurea taça
Não bebem na opressão, e seus tyrannos
Exultam sobre a terra, que o sepulchro
Jámais revela arcanos.

Condemna a lei aquelle que, offendido
Do contrario, com ferro o peito vara,
E deixa impune o que destroe com mágoa
A vida que o amára.

Tyrannos! que, sem base de justiça,
Leis de ferro firmais, sobre a fraqueza,
Que a vós nos submetteu sem piedade,
Vergando a natureza.

Ao som da minha lyra triste, obscura,
Dei harmonia aos ais, que a dôr exprimem,
Allivio ao coração, e esquecimento
Ás leis que nos opprimem.

Cantei a aurora quando, alegre , e bella,
Se levanta das sombras do horizonte,
E vem com nova luz d'aureorellexo
C'roar o negro monte ;

Cantei-a quando, em pé sobre as montanhas
De seu lustre brilhante o mar ondeia,
E o doce rouxinol da selva amena,
Seus hymnos lhe gorgeia.

Cantei a flôr que, abrindo o seio apenas,

O vento derribára, e já pendente
Por debil fio, roda em torno d'hastea
Gemendo brandamente.

E que inda assim morrendo torturada,
Seu perfume suave deixa aos ventos,
Qual o cantor d'Ignez á patria ingrata
Seus altos pensamentos.

Cantei da noite o véomysterioso,
Seu astro criador d'esta saudade,
Que vaga pela terra, e só limite
Prevê na eternidade.

Não póde a mais subir a voz sem fôrça,
Que lh'a não presta a inspiração nascida
Sem genio, e sem arte condemnada
Á morte sem ter vida.

(Browne, 1854, pp. 234-236).

A revolta que sente perante a realidade em que vive transparece nos versos da sexta estrofe do poema: “Tyrannos! que, sem base de justiça,/ Leis de ferro farmais, sobre a fraqueza,/ Que a vós nos submetteu sem piedade,/ Vergando a natureza”. Com isso, é nítido como a poetisa tinha consciência dos problemas sociais que afetavam o gênero feminino e seus versos curtos, além de expressarem revolta, proclamam uma espécie de reparação à repressão sentida.

Em sua escrita, Browne expressa a limitação, opressão e solidão sentida no exercício da escrita em seu tempo, como dito por Heitor Martins (2008): “Trata-se da mais explícita afirmação dos direitos femininos feita por qualquer poeta romântico em língua portuguesa”. (Martins, 2008, p. 153-154). Além disso, representa como realizar essa reflexão causava uma enorme dor e vazio existencial, ao jogar luz em processos tão complexos como é o sentimento

de submissão e opressão. Pois, o processo histórico de libertação da voz feminina foi muito duro para com as mulheres que ousaram expressar suas indignações e revoltas:

A falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas. Mas mesmo aquelas que já se definem como pensadoras feministas e engajadas no processo de criticar os sistemas tradicionais de ideias ainda são atrasadas pelas amarras do desconhecimento gravado profundamente em nossa psique. A mulher emergente encara um desafio à própria definição de si mesma. Como pode seu pensamento audacioso – nomear o até agora inominado, fazer as perguntas definidas por todas as autoridades como “inexistentes” –; como pode tal pensamento coexistir com sua vida de mulher? Ao fugir dos constructos do pensamento patriarcal, ela encara, como Mary Daly assinalou, o “vazio existencial”. E, de modo mais imediato, teme a ameaça da perda de comunicação com a aprovação e o amor do homem (ou dos homens) de sua vida. O afastamento do amor e a designação de mulheres pensadoras como “desviantes” são meios historicamente usados para desencorajar o trabalho intelectual de mulheres. (Lerner, 2019, p. 308)

O texto poético também é, possivelmente, autobiográfico e adquire um tom de desabafo, representando a vida das mulheres no século XIX, resumidas à posição social da maternidade, em que a educação obtida pelas mulheres tinha como único fim educar seus filhos e não desenvolver suas habilidades próprias ou se aperfeiçoar como indivíduo. A vida da poetisa confirma essa realidade, pois se casou com Manuel Clamouse Browne sendo analfabeta, e só conquistou um conhecimento técnico da leitura e escrita através da união matrimonial (Biguelini, 2019).

No que diz respeito ao exercício da escrita, ainda que mulheres portuguesas do século XIX dotassem de uma educação formal e pudessem exercer a escrita cautelosamente, devido ao processo de abertura em determinados grupos sociais abastados para tal atividade, ao tratar de mulheres propriamente escritoras, o exercício da escrita se restringia ao ambiente doméstico. Já que a própria legislação portuguesa deixa claro que: “(...) o artigo 1187 não permite que as autoras publiquem suas obras sem autorização marital” (Biguelini, 2019, p.142).

O resultado dessa realidade são mulheres repletas de um forte impulso e desejo pela escrita, mas atordoadas pelo sentimento de solidão e nulidade de suas vontades e existência, limitadas pelas regras sociais de seu tempo. Esse sentimento é expresso na terceira estrofe de “O meu último canto”, em que expressa: “Criou Deus a mulher livre qual homem,/ Deu-lhe d'igual sentir a faculdade,/ Só dura lei da força a fez depois/ Quasi uma nullidade”.

É também, possivelmente, o último poema a ser escrito por Maria Browne antes de sua morte, “O meu último canto” pode se relacionar com sua experiência biográfica como escritora, pois só conseguiu experimentar sua pulsão pela escrita depois de casada e com status social mais favorável para uma dama portuguesa em sua época. Compartilhou seus poemas e publicou

alguns deles especialmente devido ao seu status matrimonial, e ao círculo influente de escritores portugueses com quem convivia. Caso contrário, seus poemas nunca teriam sido conhecidos. (Coelho, 1965).

Portanto, pode-se notar como o processo de escrita para Browne era uma forma de dar vazão a sua dor, característica presente em toda a obra da poetisa: “Ao som da minha lyra triste, obscura,/ Dei harmonia aos ais, que dôr exprimem,/ Allivio ao coração, e esquecimento./ Às leis que nos oprimem”. Como também pode-se notar que a estrutura rimada em estrofes fixas de quatro versos demonstra perfeitamente o estrutura formal rítmica do Romantismo, porque na medida em que a poetisa busca expressar sua voz única a partir da temática poética, também se ajusta aos moldes de sua época, seja por adequação ou busca por reconhecimento de sua capacidade como escritora.

A combinação de rimas estruturadas em A/ B/ C/ B, garante ritmo contínuo à poesia e também melodia em sua leitura em voz alta. O poema demonstra “o mal estar de algo que não se realiza inteiramente, que lhes dá uma força e uma tensão de vida imensamente superior ao sentimentalismo choramingas de seu período” (Martins, 2008, p. 154). Maria Browne também expressa o sentimento sentido por mulheres ao estarem inseridas em uma estrutura patriarcal que limita e controla sua liberdade, voz e sexualidade. Como dito por Gerda Lerner em *Criação do Patriarcado* (2019), o primeiro papel social definido pelo gênero foi o de esposa, oferecia às mulheres posições de poder. As mulheres escravizadas conseguiam certo “poder” social a partir das relações sexuais com homens para obter algum controle sobre sua existência (Lerner, 2019).

O controle da existência feminina pode até mesmo representar uma espécie de morte, ao não ter sua voz ouvida, nem ter suas palavras abertamente proclamadas. Essa relação com a morte também aparece em outros poemas de Browne, o que representa a potência desse sentimento para a poetisa e transparece na estrofe final do poema: “Não pode a mais subir a voz sem fôrça,/ Que lh’a não presta a inspiração nascida,/ Sem genio, e sem arte condemnada/ À morte sem ter vida”.

É possível perceber aspectos do protofeminismo na poesia de Browne, como a anáfora do verbo “cantar” em versos do poema, demonstrando a ação de proclamação de sua voz, a necessidade de expressar sua realidade através da lyra poética e como sua condição de mulher na sociedade era o motivo para que não sentisse sua voz ouvida. A partir da menção às “leis” no meio social e também no meio poético que oprimem a vivência e a escrita das mulheres. E também pela repetida presença da figura dos “tyrannos”, simbolizados pela figura masculina, vistos como opressores que restringem o sentimento de vida das mulheres. No caso de Maria

Browne, através do exercício de sua escrita, simbolizada no poema pelo eu lírico feminino, que abertamente pode representar o sentimento de demais escritoras mulheres no século XIX.

Ou seja, o texto poético apresenta características de uma escrita que expressava questões particulares da vivência de mulheres em sua época, o que foi amplamente abordado e discutido no período do Iluminismo no século XVIII. Logo, a poetisa portuguesa apresenta aspectos em seus poemas semelhantes aos escritos de emancipação feminina na literatura inglesa, que teve início com as autoras Mary Astell, Catherine Macaulay e Mary Wollstonecraft. Ampliando a literatura protofeminista na esfera poética ao empregar seu olhar sobre a vida de uma mulher, criticar a realidade que vivia e experimentar novas composições artísticas em sua escrita (Gomes, 2011).

O poema em questão levanta o questionamento da capacidade feminina de conhecimento e o desejo da mulher pelo exercício de sua escrita, ainda que não possa ser descrito como um poema feminista em si, já que este movimento ainda daria passos maiores no futuro, como dito por Elen Biguelini:

O poema de Maria da Felicidade de Couto Browne vai além, no entanto, ao relacionar a posição feminina na sociedade como oprimida por seus 'tiranos' e pelas 'leis' que desrespeitam a 'natureza' da capacidade feminina. A Coruja Trovadora ainda não pede a si direitos e novas leis, mas reclama da injustiça delas, ao tirar a liberdade dada as mulheres por Deus e adicionar a dor, que acompanha Couto Browne por toda a sua vida (ou desde o momento em que conhece ser traída). (Biguelini, 2019, p.161)

Quando se pensa no ensino de literatura, analisar essas questões em poesias escritas por uma poeta portuguesa no século XIX, suscita discussões sobre a historiografia da autoria feminina em poesia, pois é necessário que o ensino de literatura tenha como principal objetivo formar leitores críticos da realidade em que vivem. Portanto, trazer poemas como os de Maria Browne para a sala de aula, faz com que o docente proponha diálogos com o passado vivido por mulheres escritoras e traga esse mesmo olhar crítico para o presente, pois segundo Sérgio Nazar David em *O ensino de Literatura Portuguesa no 2º grau*:

(...) a literatura portuguesa pode ser valorizada em si mesma, mas pode também nos dar régua e compasso para uma melhor compreensão dos caminhos que nos trouxeram até aqui, régua e compasso para que possamos optar no presente entre os caminhos que o futuro nos oferece. (David, 1996, p. 88)

Proporcionar aos alunos uma experiência de olhar renovador para o passado, a partir de poemas contendo protofeminismo como os de Browne, faz com que prontamente também reflitam sobre o presente e a situação atual da poesia escrita por mulheres e leitura de mulheres.

Considerando a realidade atual, do século XIX para a geração moderna do século XXI, muito mudou, mas o sentimento de inadequação e desigualdade permanece. Ao considerar a permanente disparidade salarial entre os gêneros, o julgamento social tremendo sofrido por mulheres artistas que confrontam padrões estéticos estabelecidos, a desilusão amorosa, solidão e violência sentida por mulheres em suas relações amorosas, ainda mais heterossexuais onde ainda existe uma relação de poder velada entre os parceiros. Entre outras nuances que podem ser observadas no presente e que já sutilmente transparecem nos versos de Browne.

Propor no ensino de literatura questionamentos como: “Quantas escritoras mulheres estão sendo trabalhadas nos currículos escolares? Quantas autoras mulheres são lidas pelos alunos todos os anos?”, podem guiar discussões em sala de aula e interligar o passado com o presente, a literatura com a realidade vivenciada pelos estudantes. Pois, como dito por Helder Pinheiro em sua obra *Poesia na sala de aula*, é fundamental que a leitura de poemas em sala de aula seja norteada por perguntas questionadoras e que essa leitura seja feita preferencialmente em voz alta. Além disso, o autor destaca a importância de poemas que refletem sua “função social”, tanto da obra poética como da realidade dos estudantes, assim é fundamental o trabalho com poemas em sala de aula que: “ (...) discutam preconceitos sociais, étnicos e questões de gênero suscitem debates às vezes calorosos e podem contribuir para a formação humana dos leitores” (Pinheiro, 2018, p. 16).

O uso da poesia em sala de aula deve estar presente para a sensibilização dos alunos, para despertar o contato emocional com o poema que está sendo trabalhado, pois como dito por Helder Pinheiro (2018) sobre a função social da poesia: “(...) não é mensurável segundo modelos esquemáticos de avaliação escolar. É uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho no olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor” (Pinheiro, 2018, p.18).

Seria, então, papel do professor notar as intervenções mais informais dos alunos sobre os temas contidos no poema, utilizando dessa interação para a explicação do conteúdo curricular e também relacionar o texto clássico com questões atuais. Com isso, centralizar o processo de leitura do poema no contato do aluno direto com o texto, como dito por Octavio Paz: “(...) a leitura do poema é uma operação particular: ouvimos mentalmente o que vemos. Não importa: a poesia nos entra pelos olhos, não pelos ouvidos. E ademais, lemos para nós mesmos, em silêncio. Trânsito do ato público ao privado: a experiência se torna solitária” (Paz, 1972, p. 117).

É através desse contato direto e particular de leitura no momento da aula, que se torna mais eficiente o processo de formação de futuros leitores, pois como dito por Annie Rouxel em

Aspectos metodológicos do ensino da literatura (2013): “(...) a leitura integral efetuada na esfera privada é a única capaz de modificar a relação dos alunos de ensino médio com o texto. A prática de leitura cursiva, que se pode discutir na sala, oferece possibilidades de renovação do ensino da literatura” (Rouxel, 2013, p. 28).

Ao trabalhar com a leitura de poemas em sala de aula, o processo de leitura como dito por Rildo Cosson em *Letramento Literário* (2006), deve ter como foco para além do texto literário, o leitor. Por isso, além das perguntas norteadoras já citadas para o direcionamento da atividade de leitura durante a aula de literatura portuguesa, é interessante pensar em outras perguntas que estimulem ainda mais os alunos no contato com a poesia de Browne. Em relação ao poema analisado, perguntas direcionadas aos alunos como: “Já surgiu o impulso da escrita em vocês? Como é a relação de vocês com a poesia? Gostam de ler? Já escreveram um poema?”. Dessa forma, a interpretação do poema “O meu último canto” será feita como postulado por Cosson, com enfoque no diálogo entre o leitor com o autor do texto literário e o ato de ler como uma atividade social.

Além das reflexões particulares sobre a relação do leitor com o texto, é necessário levar os estudantes a pensarem sobre a presença do protofeminismo em obras do ultrarromantismo e assim questioná-los sobre esses aspectos no poema trabalhado, a fim de relacionar o tema com questões atuais e o sentimento de revolta que ainda permeia as mulheres que hoje lutam abertamente pelos seus direitos. Assim, “Desse diálogo entre passado e presente pode nascer um conjunto de questões que revelam um início de interesse” (Rouxel, 2013, p. 27).

Promover, então, essa reflexão entre passado e presente pode ajudar os alunos a se aproximarem do texto poético, que possui outro tempo de leitura. Por se tratar de um poema com a forma clássica e escrita do século XIX, possui também outra forma de linguagem e estrutura poética, sentida muitas vezes como mais difícil pelos estudantes. Sendo papel do professor promover a aproximação dos estudantes a partir da temática presente no poema, que é tão atual e necessária de ser discutida em sala de aula.

4. Um olhar sobre a velhice em “Adeus a mocidade”

O poema “Adeus a mocidade” inicia anunciando a despedida da juventude, já nos primeiros versos. A poetisa expressa neste poema sua relação com a jovialidade, vaidade feminina e apresenta o sentimento de desprazer com a vida diante da velhice. Utilizando uma metáfora da juventude feminina como uma flor que desabrocha e, em seguida, murcha segue essa mesma tônica por toda a composição poética:

Adeus a mocidade

Adeus, bella e gentil mocidade,
Linda quadra de maga ternura;
Adeus, crenças d'amor, impossiveis,
Adeus, horas de fel e doçura.

Tens d'ephéméraflôr a existencia,
Que esta aurora rocía em botão ;
Que perfeita abre o sol no zenith,
E que a noite vê murcha no chão!

Cinco lustros volvidos apenas,
Já perdeste a frescura mimosa;
Já não tens do jasmim a candura,
Nem a côr pudibunda da rosa...

Simples c'roa de candidas flores,
Se és modesta, adornar-te não deve,
Nem o raro tecido, que imite
Lá do mar as espumas de neve.

Já se affroixam as cordas da lyra
Em que o genio te dava louvores;
Os amantes se tornam ingratos,
Os escravos se tornam senhores.

Ai d'aquella infeliz, que não deixa
D'esse tempo as fataes illusões,
E não tem nos encantos da alma,
Dos affectos seguras prisões!

A estação, qu'erapropria, fugiu-lhe...

Já de novo não póde voltar...
Sem amor, amizade, ou estima,
Vai vivendo, se a vida é durar!

(Browne, 1854, pp. 33-34).

A poetisa portuguesa estrutura o poema num formato mais curto, com sete estrofes combinadas com rimas estruturadas em A/ B/ C/ B e a forte presença de anáforas, com a repetição de “Adeus” no início dos primeiros versos, tornam o poema mais linear em sua sonoridade e enfatizam a mensagem de abandono sentida pelo sujeito poético. O destaque da composição é a forte presença da natureza, em especial as flores, aspecto comum em toda sua obra poética. Entretanto, em “Adeus a mocidade”, as flores são símbolos para ilustrar a delicadeza e sutileza que a juventude feminina representa.

A força adjetiva também se faz mais presente, com o uso dos adjetivos que intensificam a mensagem pretendida, como acontece nas imagens poéticas: “bella e genti mocidade” e “fataes ilusões”. Browne, ainda que permaneça na forma clássica do Romantismo, explora a partir de outros elementos como o uso da pontuação, utilizando reticências no fim de versos que falam sobre sentimentos fugazes, como em “A estação, qu'erapropria, fugiu-lhe...” e acrescenta exclamações, com objetivo de causar maior impacto, em versos em que a mensagem é o sentimento negativo e finito perante a vida: “Vai vivendo, se a vida é durar!”.

A escritora enxerga o processo da passagem do tempo para a mulher, simbolizada pelo símbolo tão emblemático da flor com suas delicadas pétalas, como parte do processo da natureza. Entretanto, que carrega um forte pesar, rancor e tristeza ao relacionar o murchar da flor com o momento escuro da noite e o local rígido e áspero do chão. Com isso, as metáforas apresentadas no poema, relacionadas à delicada bucólica, são utilizadas para suavizar a dura mensagem transmitida nos versos: envelhecer é se despedir de toda beleza, admiração e prazer.

Possivelmente escrito no ano de 1825, “Adeus a mocidade” é escrito em sete estrofes poéticas e apresenta a delicadeza dos elementos como: jasmim, rosa e espumas de neve. Se contrapondo com a forte melancolia e tristeza da mensagem poética, em que a passagem do tempo transforma o afeto em prisão e a vida em desprazer.

Os elementos da natureza tão presentes nas primeiras quatro estrofes, apenas introduzem brevemente o leitor para a forte conclusão das estrofes finais, que declaram abertamente o sentimento de dor e fatalidade da vida que seria a passagem do tempo e perda da juventude para o eu lírico: “Já se affroixam as cordas da lyra/ Em que o genio te dava louvores;/ Os

amantes se tornam ingratos,/ Os escravos se tornam senhores”. A partir desses versos finais, é possível perceber também o forte sentimento de desilusão amorosa, que dá tom à sua obra como um todo.

A escrita deste poema pode ter sido estimulada pelo possível entrelace amoroso da poetisa com o também poeta português Camilo Castelo Branco, que era bem mais jovem do que ela na época. Essa diferença de idade entre os dois escritores e, possíveis amantes, pode ter suscitado emoções em Browne que transparecem nesta e em muitas outras poesias de sua obra (Coelho, 1965).

“Adeus a mocidade” pode revelar outras questões autobiográficas: como Maria Browne se sentia perto dos 40 anos de idade, sua relação com o corpo, vaidade e perda da vitalidade jovial. Assim, expressando forte desilusão amorosa e negação às alegrias da vida e ao amor, como expresse nos versos da terceira estrofe: “(...) Já perdeste a frescura mimosa;/Já não tens do jasmim a candura,/ Nem a côr pudibunda da rosa...” e na última estrofe do poema: “A estação, qu'erapropriã, fugiu-lhe.../Já de novo não póde voltar.../Sem amor, amizade, ou estima,/Vai vivendo, se a vida é durar!”.

O ideal constituído pela sociedade ocidental de beleza física e juventude, que constitui o chamado “Mito da beleza”, para a figura feminina simboliza bem mais do que apenas a aparência e aspectos físicos, mas determina o seu comportamento e seu senso de identidade. A validação externa de aprovação e a contínua sensação de desejo do outro também passam a definir a beleza, colocando a mulher em posição de extrema vulnerabilidade, ao deixar seu amor-próprio em exposição, por conta de imposições sociais que demandam tanta adequação a moldes externos (Wolf, 1992). Maria Browne, mesmo em sua época, já expressava as ideias de noção da identidade e beleza atrelada à juventude, e como a passagem do tempo é sentida de forma singular, ao também estar relacionada com o sentimento de desejo e validação gerado pelo outro.

A relação que a poetisa traça com o envelhecimento é forte e nítida, ao simbolizar bem o panorama contemporâneo da evolução das mulheres na luta feminista, em que o mito da beleza invade o terreno, antes ocupado pela domesticidade, como Naomi Wolf expressa em *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres* (1992):

A juventude e (até recentemente) a virgindade foram "bonitas" nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. (Wolf, 1992, p.17)

A forte e constante presença de imagens da natureza, como os diferentes tipos de flores apresentados no poema, simboliza a figura e essência feminina não pelas imagens em si, pois o sentido da imagem é a própria imagem, mas pela esfera psicológica formada na sociedade ao associar esses elementos a figura da mulher, já que: “O poeta não quer dizer: diz. Orações e frases são meios. A imagem não é meio; sustentada em si mesma, ela é seu sentido. Nela acaba e nela começa. O sentido do poema é o próprio poema” (Paz, 1972, p.47-48).

As imagens simbólicas apresentadas por Maria Browne não explicam o sentido do poema ou o sentido da mensagem poética, mas sim convidam o leitor a penetrar na própria realidade, acessar por si mesmo e dentro de si as conexões psicológicas, sociais e até mesmo o indizível, captado na esfera do sentimento e do inconsciente, para que a partir disso possa traçar ele mesmo o sentido próprio para o poema que lê (Paz, 1972).

Ao pensar na abordagem deste poema em sala de aula é fundamental perceber a posição da mulher associada a sua beleza e forma física, com seu poder restrito à validação social centrada na aprovação pela figura masculina, segundo a visão ortodoxa católica. (Anastácio, 2005). Além disso, como esse poema é sentido pelos estudantes do gênero masculino? Quais os sentimentos que ecoam ao entrarem em contato com os versos poéticos de Maria Browne? Qual a visão desses estudantes perante a temática apresentada?

A abordagem do docente deve ser cuidadosamente feita para antes de discorrer sobre qualquer visão interpretativa ou direcionamento da leitura, abraçar a interpretação inicial dos estudantes no primeiro contato com o texto poético, pois: “Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro” (Cosson, 2006, p. 27).

Dessa forma, com o envelhecimento toda vitalidade que valida a mulher na sociedade se perderia e isto é expresso nos versos que apresentam o murchar e perda da cor das flores, a ingratidão por parte dos amantes que antes davam louvores, os afetos que tornam-se prisões. Propor um olhar atento a esses aspectos para os estudantes enriquece a leitura da obra, principalmente considerando o contexto literário do Romantismo e Ultrarromantismo, em que a figura feminina era representada primordialmente por escritores homens de maneira irrealisticamente idealizada na forma física e vistas como fonte e inspiração do amor romântico. Com o acesso a poética de Maria Browne, os alunos seriam apresentados a uma outra percepção da visão feminina no século XIX, que demonstra abertamente suas dores e inseguranças, seu rancor às ilusões amorosas e declaração de uma inabilidade para amar.

A obra da poetisa poderia ser abordada atualizando a poética com temáticas atuais, através de debates em sala de aula estimulados pelos docentes, ao promoverem discussões

sobre a representação da mulher na sociedade midiática, a visão sobre envelhecimento feminino na modernidade, desilusões amorosas, construção do amor romântico, entre outros temas transversais a poética de Browne. Já que o que foi vivenciado pela poetisa ainda é sentido por muitas mulheres no mundo moderno atual, principalmente considerando a questão estética relacionada a juventude, considerando o cenário atual em relação a essa temática:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente. (Wolf, 1992, p. 13)

Nesse sentido, resgatar escritoras do passado e estudá-las a partir da ótica da estrutura social atual é necessário para se refletir sobre o processos modernos de conquista de direito pelas mulheres com a consolidação do movimento feminista e construir uma sociedade com paridade no exercício de direitos fundamentais entre os gêneros, pois:

Repensar o modo como a memória histórica e as narrativas que a transmitem lidaram com a informação relativa às mulheres, romper com o silêncio que caiu sobre a sua actuação no campo intelectual e fornecer dados sobre essa actuação às gerações mais jovens, constitui, sem dúvida, um passo fundamental neste sentido. (Anastácio, 2022, p. 35)

Ao pensar no ensino de literatura portuguesa, o estudo de poemas como “Adeus a mocidade” apresenta aos estudantes outros gêneros textuais paralelos, através de uma temática que une os textos pode enriquecer ainda mais a aula de literatura portuguesa no Ensino Médio. No caso do poema em questão, a temática da desilusão amorosa, que dá tom para toda a obra *Virações da Madrugada* (1854), e também a temática presente do envelhecimento sentido pelo eu-lírico pode ser dialogar com outros gêneros textuais como músicas, contos e pinturas, suscitando discussões e interpretações valorosas. Essa escolha para as obras como dito por Annie Rouxel deve ser a mais diversa possível:

É importante confrontar os alunos com a diversidade do literário (cujo conhecimento afina os julgamentos de gosto): diversidade dos gêneros: ao lado de gêneros tradicionais (romance, teatro, poesia, ensaio), os novos gêneros (autoficção, história em quadrinhos, álbum); diversidade histórica: obras canônicas, clássicas, fundadas em valores nos quais uma sociedade se reconhece, obras contemporâneas, literatura viva que lança um olhar sobre mundo de hoje. (Rouxel, 2013, p. 23)

No momento do exercício de leitura dos poemas em sala de aula deve-se considerar a leitura uma atividade social e de transformação das relações humanas, por isso, estimular a oralidade através de discussões, debates e apresentações é fundamental no processo de interpretação do texto, que se inicia individualmente na esfera interna de cada estudante, mas se enriquece no compartilhamento com a turma.

A primeira etapa no processo de leitura em sala de aula é a motivação, que não deve ser feita com o contato direto e forçado da estrutura poética, mas apresentar primeiro a temática, estimular a oralidade dos estudantes para com o tema e em seguida apresentar o texto e a autora de maneira sucinta num momento de introdução à obra, para que depois os próprios estudantes elaborem suas visões pessoais sobre o texto que tiverem contato na leitura individual e coletiva (Cosson, 2006).

É fundamental que no momento de leitura, após um contato individual silencioso de reconhecimento do texto pelos estudantes, o professor e os alunos leiam em voz alta os poemas e ao final a interpretação seja feita a partir da construção das ideias dos estudantes, produzindo seja uma atividade escrita ou através da própria oralidade na discussão em sala de aula. Mas é importante enfatizar que o docente nesse momento deve ser um mediador, um guia, e não impor um único caminho de interpretação e leitura, já que o texto não se limita a um único olhar e pode ser renovado a cada novo leitor que entra em contato com a obra.

Proporcionar de maneira prática a abordagem dos poemas analisados em sala de aula a partir de uma sequência didática básica aos moldes do que é apresentado por Rildo Cosson em *Letramento Literário* (2006) irá direcionar as discussões entrelaçando com a presença de diferentes gêneros textuais, elucidando o trabalho docente para o trabalho com o texto poético de autoria feminina no Ensino Médio.

5. Uma proposta para o ensino de literatura portuguesa

Sequência Didática com base em poemas de Maria Browne

Título:	Resgate de poemas de Maria Browne para o ensino crítico de literatura portuguesa
Situações problemas:	• Como a figura da mulher é retratada nos poemas selecionados de Maria Browne? • Como a expressão poética desta poetisa reflete as influências sociais e culturais de sua época?

	• Qual a relação entre a visão e sentimento feminino retratados na poesia de Maria Browne com outras artes? • Como os estudantes de Ensino Médio podem identificar questões atuais de autoria feminina e feminismo na obra da poetisa portuguesa Maria Browne?
Ano de Ensino:	Ensino Médio
Áreas de Conhecimento:	Literatura Portuguesa; Linguagens e Suas Tecnologias.
Competências específicas de linguagens (BNCC):	* Descritas ao longo da sequência: (EF15LP10), (EM13LP06), (EM13LP48), (EF15LP01).

Apresentação:

A presente sequência, sob o título de “**A expressão feminina em poemas de Maria Browne**”, tende a propor para os estudantes de Ensino Médio o contato com a obra da poetisa portuguesa Maria Browne através da leitura de dois de seus poemas contidos na obra *Virações da Madrugada (1854)* intitulados: “O meu último canto” e “Adeus a mocidade”. O contato com esses poemas será feito a fim de introduzir em sala de aula discussões sobre autoria feminina e protofeminismo no período literário do ultrarromantismo em Portugal e relacionar essas discussões com o atual cenário da mulher na sociedade brasileira, através de temáticas como: *Voz feminina e velhice*, traçando um paralelo com músicas e contos da cultura e literatura nacional.

Justificativa:

Propor para adolescentes no Ensino Médio discussões sobre o local da mulher na sociedade a partir do contato com o texto poético de autoria feminina. Assim, estimulando a leitura poética, o olhar crítico para a dura realidade vivenciada por mulheres na sociedade brasileira e ainda ampliando o repertório sociocultural desses estudantes.

Público-alvo e comunidade escolar:

A sequência é voltada aos estudantes do Ensino Médio, por volta de 14 a 17 anos de idade, visando aplicação na rede pública de ensino.

Módulos didáticos:
Módulo 1: Voz feminina Módulo 2: Velhice

MÓDULO 1: Voz feminina
CH: 8 aulas
PRÁTICAS DE EIXOS DE ENSINO: Leitura, oralidade e produção textual.
OBJETOS DE CONHECIMENTO: 1. Conhecer o gênero poema e a representação da mulher no poema trabalhado. 2. Relacionar o poema com outras mídias e gêneros como música e conto. 3. Reconhecer características do período literário do Ultrarromantismo, questões de autoria feminina e protofeminismo na obra.
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (BNCC): 1. Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como anáfora, metáfora, sinestesia e antítese. 2. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. 3. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. 4. Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. 5. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
HABILIDADES ESPECÍFICAS: (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário. (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua. (EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros

literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias.

TEXTOS UTILIZADOS: “O meu último canto” (Maria Browne, 1854); “Triste, Louca ou Má” (Francisco, elHombre, 2016); “Pagu” (Rita Lee, 2000)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: (motivação, introdução, leitura e interpretação)

Encontro 1 - 2 aulas

- Apresentar aos estudantes a temática a ser trabalhada da “*Voz feminina*” em diferentes gêneros textuais através da apresentação das músicas “Pagu” da cantora Rita Lee e “Triste, Louca ou Má” da banda Francisco, elHombre.
- Após a escuta atenta das canções com a leitura acompanhada das letras impressas, perguntar aos estudantes quais semelhanças se encontram nas duas letras das músicas e qual a voz em questão nas letras das canções e o que elas comunicam?
- Os estudantes devem responder as perguntas e apresentar oralmente as semelhanças encontradas.
- Em seguida, pesquisar o contexto social de quando cada letra de música foi primeiramente divulgada.

Encontro 2 - 2 aulas

- Após a pesquisa realizada do contexto de produção e divulgação de cada música, os estudantes devem apresentar as diferenças encontradas.
- Em seguida, entregar aos estudantes de forma impressa o poema “O meu último canto” da poetisa portuguesa Maria Browne e pedir que leiam individualmente.
- Após a leitura silenciosa, propor que um estudante da turma leia em voz alta o poema.
- Direcionar o debate sobre o texto poético com perguntas como: “Como é a voz poética do poema? Como é o eu-lírico do poema? O eu-lírico revela sua dor através de quais imagens? Qual a mensagem que está sendo transmitida pelo texto poético? Qual o sentimento que sentiram ao ler o poema?”.
- Após a discussão inicial com a obra e então apresentar a autora Maria Browne.
- Pedir que também elaborem uma análise comparativa do poema “O meu último canto” e escolham uma das músicas apresentadas para traçar um paralelo temático.

Encontro 3 - 2 aulas

- Iniciar com a leitura em voz alta de algumas das análises feitas pelos estudantes.

● Apresentar trechos do poema “O meu último canto” escritos no quadro para que durante a análise dos estudantes a discussão ganhe expansão pelo segundo contato com o texto. ● Solicitar aos estudantes que pesquisem o contexto de produção dos poemas escritos por mulheres no século XIX em Portugal e elaborem cartazes criativos com a presença das informações encontradas, imagens e curiosidades. Encontro 4 - 2 aulas ● Iniciar com a apresentação oral da pesquisa feita sobre a autoria feminina no século XIX feita pelos alunos. ● Os cartazes elaborados pelos estudantes também devem ser apresentados e analisados, a fim de observar o uso das informações com imagens e formato do gênero. ● Encerramento do módulo.
MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS: Piloto; Apagador; Folhas A4; Lápis; Som.

MÓDULO 2: Velhice
CH: 8 aulas
UNIDADE DE ENSINO: Leitura, oralidade, produção textual.
OBJETOS DE CONHECIMENTO: 1. Reconhecer a representação da figura feminina no poema trabalhado. 2. Relacionar o poema com outras mídias e gêneros como música e conto. 3. Identificar pontos do protofeminismo e autoria feminina na obra, relacionando a discussões atuais da sociedade.
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (BNCC): 1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. 2. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. 3. Estratégia de leitura e oralidade.
HABILIDADES ESPECÍFICAS: (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário; (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem,

da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua

(EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias.

TEXTOS UTILIZADOS: “Adeus a mocidade” (Maria Browne, 1854); “Feliz aniversário” (Clarice Lispector, 1960); “Senhor diretor” (Lygia Fagundes Telles, 1977)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: (motivação, introdução, leitura e interpretação)

Encontro 1 - 2 aulas

- Pedir que os alunos definam a velhice em uma palavra e com as respostas montar um mapa mental no quadro, a fim de estimular e motivar a introdução ao tema trabalhado.
- Apresentar aos estudantes a temática a partir da leitura coletiva do conto “Feliz Aniversário” da escritora Clarice Lispector.
- Após a leitura em voz alta feita por alguns estudantes da turma, o professor deve guiar a discussão sobre o conto direcionando o olhar dos alunos para captar como a velhice foi retratada na obra.
- Discorrer sobre as características particulares do gênero textual em questão, o conto.
- A fim de direcionar a discussão sobre a temática do conto, fazer perguntas como: “Quem é a protagonista da história? Como os demais personagens reagem a esse aniversário? Qual a intenção por trás da construção da narrativa?” dentre outras que podem ser elaboradas pelo docente.
- **Encerramento da aula.**

Encontro 2 - 2 aulas

- Continuando a abordar o sentimento de velhice sentido particularmente pela figura feminina, o poema “Adeus a mocidade” da poetisa portuguesa Maria Browne será apresentado aos estudantes.
- Após o contato individual com a leitura silenciosa, o professor deve ler o poema em

voz alta e pedir que os estudantes apresentem suas interpretações livres e particulares do que leram. “Qual o tema deste poema para vocês? Qual o sentimento expresso pelo eu-lírico? Por que esse eu-lírico poderia ser considerado uma figura feminina? Pelo que já sabem da poetisa Maria Browne quais características podemos notar neste poema?” dentre outras perguntas que podem ser elaboradas pelo professor.

- **Encerramento da aula.**

Encontro 3 - 2 aulas

- Apresentar aos estudantes o conto “Senhor Diretor” da escritora Lygia Fagundes Telles a partir de uma leitura coletiva.
- Direcionar a discussão sobre o conto com perguntas como: “Qual o olhar da narradora? Qual momento vocês acharam mais impactante? Qual o contexto e motivação da voz dessa narradora? Para quem ela está falando?”
- Por fim, pedir que cada estudante elabore um mapa mental numa folha de ofício A4, utilizando de recursos multimodais como imagens, colagem, entre outros recursos para a apresentação, para relacionar os contos lidos com o poema “Adeus a mocidade” de Maria Browne.

Encontro 4 - 2 aulas

- Finalizar a sequência retomando aspectos da temática velhice discutidos durante as aulas e relacionados a cada obra literária em particular.
- Solicitar que os alunos entreguem e apresentem individualmente seus mapas mentais construídos discorrendo sobre as características particulares de cada gênero textual, as diferenças e semelhanças de cada texto literário trabalhado.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS: Piloto; Apagador; Folhas A4; Lápis; Som.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, vimos que a poetisa Maria Browne, em uma época de extrema restrição social para o exercício da escrita, conseguiu imprimir em seus poemas aspectos singulares da experiência de mulheres escritoras na sociedade. A partir dos estudos de Anastácio (2005) e (2022), conseguimos entender como Browne conseguiu publicar suas obras ainda que estivesse inserida neste contexto de extrema repressão da voz feminina.

A partir da análise dos poemas “O meu último canto” e “Adeus a mocidade”, foi observado aspectos claros da ação da poetisa em não se limitar a imposições da forma poética e temática na escrita de sua época, mas expandiu horizontes, a partir da construção da exploração dos temas profundos como sentimentos de revolta, opressão, morte, entre outros

apresentados em sua obra. Assim, demonstra sua qualidade artística como escritora, mas também expressa sua voz como mulher pertencente ao seu tempo, com todos os sentimentos conflitantes e dilemas internos.

Com as considerações feitas para o ensino de literatura portuguesa, foi perceptível como o uso dos poemas de Maria Browne em sala de aula pode enriquecer o ensino, ao expandir discussões guiadas pelo docente e despertar um olhar crítico dos estudantes para temas relevantes, como a posição da mulher na sociedade e o sentimento de envelhecimento sentido por elas. Relacionando a realidade vivenciada por mulheres do século XIX com os dilemas atuais, a leitura dos poemas pode vir a sensibilizar a alma, aprofundar discussões e proporcionar um olhar novo para a realidade, como pauta a BNCC (2018) no campo artístico-literário.

A proposta feita é que os poemas sejam lidos e discutidos coletivamente em sala de aula, a fim de compor um ambiente que propicie a visão particular de cada estudante a partir do contato particular com o poema, mas também proporcionar a construção conjunta de interpretação poética pelo entrelace de diferentes olhares a um mesmo objeto de estudo que são os poemas de Browne. Dessa forma, trazer os poemas conjuntamente com outros gêneros como músicas e contos, pode instigar ainda mais a construção da formação dessa leitura que deve ser plural e abranger ao máximo a criticidade e argumentação dos alunos.

Essa pesquisa demonstra como é necessário quebrar padrões tradicionais no ensino que perpetuam um silenciamento histórico para figuras marginalizadas, como é o caso de escritoras mulheres no século XIX. Dar voz aos antes silenciados, é não só uma forma de reparação histórica, mas uma oportunidade para conhecer novas vozes, crescer coletivamente como sociedade e cultivar a capacidade de questionamento aos padrões segregadores sociais e históricos antes estabelecidos.

Considerando o contexto escolar, a importância deste trabalho também está em vislumbrar uma educação literária cada vez mais plural e inclusiva, não apenas concentrada em transmitir conhecimento acadêmico, mas em promover discussões ricas que despertem novas tomadas de consciência. Nesse sentido, contribui ativamente para a formação de estudantes e leitores de poesia muito mais sensíveis e conscientes com as questões de equidade entre os gêneros no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.

ALVES, I. Amor e submissão: formas de resistência da literatura de autoria feminina? IN: **RAMALHO, C. (Org).** Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

ANASTÁCIO, Vanda - "Mulheres varonis e interesses domésticos" : reflexões acerca do discurso produzido pela história literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX". In: **COLÓQUIO LITERATURA E HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR**, 1, Lisboa, 2005 - "Literatura e história : para uma prática interdisciplinar : actas". Lisboa : Universidade Aberta, p. 427-445, 2005.

ANASTÁCIO, Vanda. (2022). Onde estão as mulheres? Um percurso didático pela história da literatura portuguesa. *Convergência Lusíada*, 33(48), 12-38.
<https://doi.org/10.37508/rcl.2022.n48a513>

BIGUELINI, E. A MASCULINIDADE NA OBRA DE FRANCÍLIA (FRANCISCA PAULA POSSOLO DA COSTA) E SÓROR DOLORES (MARIA DA FELICIDADE DE COUTO BROWNE). *HISTÓRIA. QUESTÕES E DEBATES* , v. 67, p. 135-163, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BROWNE, Maria. **Virações da madrugada**. [S. l. : s. n.], 1854.

COELHO, Jacinto do Prado. **Poetas do Romantismo**. Vol. I. Lisboa: Livraria Clássica, 1965.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DAVID, Sérgio Nazar. O ensino de Literatura Portuguesa no 2 grau. **Idioma** , Rio de Janeiro, n.18, p. 84-89, 1996.

GOMES, Anderson Soares. Mulheres, Sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia protofeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, 2011.

GUIA DIGITAL - **PNLD**. Disponível em:
<https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_literario_ensino_medio/etapa-ensino/pnld_2021_literario_ensino_medio_primeira_terceira_serie>. Acesso em: 4 out. 2023.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTINS, Heitor. “Algemada natureza” (Maria Browne e o malaiseultra-romântico). **Aletria**, Belo Horizonte, 2008.

NEMÉSIO, Vitorino. **Ondas médias**. Lisboa: Bertrand, s.d. (1945?).

PAZ, Octavio. **Signos de Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Ezra Pound; organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**: Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola. Acesso em: 07 mar. 2023. , 2013.

SARAIVA, A.J e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto editora, 1996.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldeia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.